



Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Denise Pereira
(Organizadora)

Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C198	Campos de saberes da história da educação no Brasil 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-455-9 DOI 10.22533/at.ed.559190507 1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O BORDADO NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Isabella Brandão Lara Ana Maria de Oliveira Galvão	
DOI 10.22533/at.ed.5591905071	
CAPÍTULO 2	13
ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO	
Bruna Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.5591905072	
CAPÍTULO 3	25
A ANPUH-SP E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PAULISTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGOS	
Ana Paula Giavara	
DOI 10.22533/at.ed.5591905073	
CAPÍTULO 4	39
DIFERENTES CENÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA PÚBLICA DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS – AL	
Dehon da Silva Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.5591905074	
CAPÍTULO 5	52
ENSINO DE HISTÓRIA EM MUSEUS: A EXPERIÊNCIA DA MEDIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Priscila Lopes d’Avila Borges	
DOI 10.22533/at.ed.5591905075	
CAPÍTULO 6	61
O PROCESSO INQUISITORIAL 8064 À LUZ DA MICRO-HISTÓRIA	
Guilherme Marchiori de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.5591905076	
CAPÍTULO 7	71
OS PRONTUÁRIOS MÉDICOS COMO FONTE PARA A HISTÓRIA: O CASO DO <i>LEPROSÁRIO</i> CEARENSE ANTÔNIO DIOGO (1928-1939)	
Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.5591905077	
CAPÍTULO 8	82
PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA PARA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcos Rafael da Silva Tathianni Cristini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5591905078	

CAPÍTULO 9	92
DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A (RE)INTERPRETAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DOS MUSEUS	
Wagner Lucas Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5591905079	
CAPÍTULO 10	101
O MITO LUSITANO DO LICANTROPO E SUA HERANÇA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	
Maximiliano Ruste Paulino Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050710	
CAPÍTULO 11	111
A FALA COMO APRENDIZADO NAS PRÁTICAS DA LIGA CAMPONESA DO ENGENHO GALILÉIA	
Reginaldo José da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050711	
CAPÍTULO 12	124
A INFLUÊNCIA DOS TUTORES NA EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS EM MARIANA (1790-1822)	
Leandro Silva de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.55919050712	
CAPÍTULO 13	131
A LEITURA DAS ATAS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ (1964 – 1985)	
Flávio William Brito Matos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050713	
CAPÍTULO 14	142
O CONSELHO DE INTENDÊNCIA DO SERRO/MG E A INSTRUÇÃO PÚBLICA DA REPÚBLICA, DE 1890 A 1892	
Danilo Arnaldo Briskievicz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050714	
CAPÍTULO 15	155
A POLÍTICA DE INCENTIVO ÀS MANUFATURAS TÊXTEIS EM PORTUGAL SÉCULO XVII: DOS DISCURSOS DE DUARTE RIBEIRO DE MACEDO À GESTÃO DO 3º CONDE DA ERICEIRA	
Alex Faverzani da Luz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050715	
CAPÍTULO 16	172
AS RECORDAÇÕES IMPERTINENTES DE ISAÍAS CAMINHA: RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, AUTOBIOGRAFIA E LITERATURA NA PRODUÇÃO DO ESCRITOR LIMA BARRETO	
Carlos Alberto Machado Noronha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050716	

CAPÍTULO 17	181
A PROCESSUALIDADE DE UMA POLÍTICA COOPERATIVA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS NO ENSINO SUPERIOR	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
Reginaldo Célio Sobrinho	
Edson Pantaleão	
Giselle Lemos Shmidel Kaustsky	
DOI 10.22533/at.ed.55919050717	
CAPÍTULO 18	190
CONHECIMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA: BASE PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA	
Giselle Lemos Schmidel Kautsky	
Reginaldo Celio Sobrinho	
Edson Pantaleão Alves	
Euluze Rodrigues da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050718	
CAPÍTULO 19	199
DIREITOS SOCIAIS E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS	
Monica Isabel Carleti Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.55919050719	
CAPÍTULO 20	210
CENTROS DE PESQUISA SOBRE A VIOLÊNCIA NO BRASIL	
Bárbara Birk de Mello	
Luiz Antonio Gloger Maroneze	
DOI 10.22533/at.ed.55919050720	
CAPÍTULO 21	221
DESAPRENDENDO O JÁ SABIDO: O “ESTADO NOVO” NO EMBALO DO SAMBA	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050721	
CAPÍTULO 22	238
CINEMA, CULTURA POPULAR E MEMÓRIA NA VISÃO DO CINEASTA HUMBERTO MAURO	
Sérgio César Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.55919050722	
CAPÍTULO 23	248
DAS PÁGINAS DOS JORNAIS PARA AS TELAS: A REPRESENTAÇÃO DO ESQUADRÃO DA MORTE NO CINEMA BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970	
Renata dos Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050723	
CAPÍTULO 24	259
O LUGAR DO MÚSICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E REGIONAL	
Douglas José Gonçalves Costa	
DOI 10.22533/at.ed.55919050724	

CAPÍTULO 25	269
ROTAS DE TEATRO, BRASIL E PORTUGAL: ENCENAÇÕES, ENGAJAMENTO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA NOS ANOS 1960 E 1970	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.55919050725	
CAPÍTULO 26	281
FICCIONALIZANDO REALIDADES: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA EM “THE HANDMAID’S TALE”, DE MARGARET ATWOOD	
Isabela G. Parucker	
DOI 10.22533/at.ed.55919050726	
CAPÍTULO 27	290
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
DOI 10.22533/at.ed.55919050727	
CAPÍTULO 28	301
NO SÉCULO XVIII, OS INDÍGENAS NA FORMAÇÃO DA CAPITANIA DE MATO GROSSO	
Gilian Evaristo França Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050728	
CAPÍTULO 29	316
A METODOLOGIA KELLYANA APLICADA À TEMÁTICA INDÍGENA	
Rosemary Pinheiro Da Paz	
DOI 10.22533/at.ed.55919050729	
CAPÍTULO 30	329
UMA VISÃO DOS INDÍGENAS DO SUL DE MINAS NOS RELATOS DE ALGUNS MEMORIALISTAS	
Gustavo Uchôas Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.55919050730	
CAPÍTULO 31	340
INTERCÂMBIO DE IDEIAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE ARTHUR RAMOS E MELVILLE HERSKOVITS (ACERCA DA CULTURA AFRO-AMERICANA, 1935-1949)	
Heloísa Maria Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.55919050731	
CAPÍTULO 32	352
ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO: O VALOR DA CAPOEIRA	
Jefferson Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55919050732	

CAPÍTULO 33 363

ESMERALDINAS, CREMILDAS E LOURDES:TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO MOVIMENTO QUILOMBOLA NO RIO ANDIRÁ, FRONTEIRA AMAZONAS/PARÁ (2005-2016)

João Marinho da Rocha

Marilene Correa da Silva Freitas

DOI 10.22533/at.ed.55919050733

SOBRE A ORGANIZADORA..... 372

INTERCÂMBIO DE IDEIAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE ARTHUR RAMOS E MELVILLE HERSKOVITS (ACERCA DA CULTURA AFRO-AMERICANA, 1935-1949)

Heloísa Maria Teixeira

Doutora em História – Universidade de São Paulo

RESUMO: Analisamos a correspondência entre Arthur Ramos e o antropólogo estadunidense Melville Herskovits trocada no período de 1935 a 1949, época de sistematização dos Estudos Afro-Americanos nas Américas. A análise das cartas revela-nos um intercâmbio de materiais bibliográficos, pesquisas, pareceres e divulgação das produções dos estudiosos. Essa circulação de ideias influenciou o crescimento de pesquisas acadêmicas acerca da identidade africana no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Circulação de ideias; Arthur Ramos; Melville Herskovits; correspondência; Estudos Afro-Americanos; Estudos Afro-Brasileiros.

ABSTRACT: We analyzed the correspondence among Arthur Ramos and the American anthropologist Melville Herskovits from 1935 to 1949, when the Afro American Studies were systematized in the Americas. The analysis of the letters reveals an exchange of bibliographical materials, researches, opinions and dissemination of the scholars' production. This ideas circulation influenced the growth of academic research on African identity in Brazil.

KEYWORDS: Circulation of ideas; Arthur Ramos; Melville Herskovits; Correspondence; Afro-American Studies; Afro-Brazilian Studies.

1 | INTRODUÇÃO

A intensa produção acadêmica nas Américas das décadas de 1930 e 1940 sobre a identidade africana no Novo Mundo é desconhecida do grande público. Entretanto, marcou uma mudança no olhar sobre a contribuição da África para a construção social nas Américas.

Os chamados *Estudos Afro-Americanos* surgiram nos EUA no início do século XX e cresceram nos anos 30, como consequência do desenvolvimento da antropologia culturalista, cujo maior expoente foi Franz Boas. A partir de então, o culturalismo substituiria a noção biológica de raça – conceito-chave para a teoria da Antropologia Física – pelo conceito de cultura na compreensão das diferenças humanas.

Nasciam, nesse período, análises que defendiam a “tese da sobrevivência” das formas culturais africanas no Novo Mundo, que revelava a capacidade que os negros tiveram para sobreviver à opressão branca, mantendo relativamente intactas suas expressões culturais africanas. O nome mais destacado

dessa ideia era o do antropólogo norte-americano, de origem judia, Melville Herskovits. O principal argumento de Herskovits era a ideia de que os escravos vieram de áreas relativamente restritas do continente africano, existindo princípios culturais que eram amplamente compartilhados por toda a área do tráfico. A existência dessa base cultural comum permitiu que costumes e valores de origem africana sobrevivessem e fossem compreendidos e adotados mesmo pelos africanos de ascendência étnica distintas.

Em oposição, a “tese da catástrofe” acreditava que a escravidão tinha representado a quase total falência cultural dos africanos e seus descendentes nas Américas. Entre seus adeptos, estava o sociólogo negro norte-americano Franklin Frazier, que enfatizou a universalidade da condição humana e o caráter intrinsecamente mutável de todas as formas culturais e sociais. Para Frazier, autor do famoso livro *The black family in the United States*, publicado em 1939, a escravidão e a pobreza foram os principais fatores a influenciar a estrutura familiar da população negra nas Américas.

Os estudos norte-americanos serviram de inspiração para o pensamento de vários intelectuais brasileiros. Entre eles, Arthur Ramos, que, durante as décadas de 1930 e 1940, estabeleceu intenso diálogo com intelectuais americanos que discutiam os africanismos no Novo Mundo. Naquele período, em decorrência do intercâmbio de ideias, cresciam as pesquisas no Brasil acerca da influência cultural do continente africano. Essa produção ficou conhecida como *Estudos Afro-Brasileiros*. Pela primeira vez, estudos desenvolviam análises positivas sobre a herança cultural africana na sociedade brasileira. Segundo Livio Sansone, “em termos culturais, a África estava começando a ser encarada como um bônus” (SANSONE, 2012, p. 11). A mestiçagem passou a ser exaltada como o elemento que qualificava o Brasil.

Arthur Ramos nasceu em Pilar, Alagoas, no ano de 1903. Em 1926, formou-se médico pela Faculdade de Medicina da Bahia. Conheceu, então, os estudos de Raimundo Nina Rodrigues sobre a cultura religiosa de origem africana baiana. A partir desse contato, inicia-se seu interesse pela cultura afro-brasileira. Nas duas décadas seguintes, firmar-se-ia como um dos principais estudiosos sobre o negro na identidade brasileira.

De 1926 a 1949, Ramos escreveu aproximadamente 500 trabalhos, muitos dos quais ainda inéditos e que compõem parte do Arquivo Arthur Ramos, tutelado pela Biblioteca Nacional. O Arquivo contém cerca de 5 mil documentos distribuídos em correspondência do titular e de terceiros (que perfaz a maior parte do acervo, quase 3 mil documentos), recortes de jornais, folhetos, fotografias, manuscritos e estudos sobre educação, medicina legal, psiquiatria, psicologia, sociologia, antropologia, folclore e etnografia.

Intelectual de intensas relações, Arthur Ramos foi figura central na articulação e circulação de estudos sobre o negro brasileiro. As correspondências do alagoano com intelectuais de várias partes do mundo, sobretudo norte-americanos, criaram um percurso para a compreensão dos estudos sobre os negros nas Américas e sobre nossas raízes africanas.

2 | IDEIAS CIRCULANTES: ARTHUR RAMOS E INTELLECTUAIS DAS AMÉRICAS SOBRE A QUESTÃO CULTURAL NEGRA

Conforme enfatiza Angela de Castro Gomes, a correspondência pessoal entre intelectuais é um lugar de sociabilidade revelador da dinâmica dos envolvidos e também do campo cultural e político de um dado período. Lugar de sociabilidade deve ser “entendido como espaço de constituição de uma rede organizacional que pode ser mais ou menos formal/institucional e como um microcosmo de relações afetivas (de aproximação e/ou de rejeição)” (GOMES, 2004, p.52-53). Entre as linhas escritas, o autor das missivas expõe ideias, projetos, opiniões, interesses e sentimentos. “Uma escrita de si que constitui e reconstitui suas identidades pessoais e profissionais no decurso da troca de cartas” (GOMES, 2004, p.51-52).

Assim, a análise da correspondência entre intelectuais permite, destaca Ângela de Castro Gomes, ao historiador compreender as “tramas do campo intelectual que os envolvidos fazem parte, identificando alguns autores que funcionavam como referências acadêmicas e institucionais” (GOMES, 2004, p. 52). Adotamos esta diretriz ao analisar a correspondência de Ramos e, dessa forma, buscamos identificar as *tramas* intelectuais que o envolveram, além de suas vinculações ao “sistema intelectual internacional”. Conforme a correspondência analisada, no campo intelectual, Arthur Ramos era parte de uma rede de contatos a partir dos Estados Unidos, mas que também incluía a América Latina e alguns intelectuais europeus.

A troca de correspondências com intelectuais norte-americanos revelou o interesse de Ramos pelas produções, teorias e metodologias desenvolvidas nas universidades americanas no campo das ciências sociais, mas, também, o interesse dos intelectuais da América do Norte pelos estudos desenvolvidos no Brasil acerca da influência africana na construção da identidade brasileira, especialmente aqueles elaborados por Arthur Ramos.

Em 1934, alagoano publicou *O negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise*, livro que ampliou suas relações no circuito intelectual que discutia os africanismos no Novo Mundo. O livro é dividido em duas grandes partes: na primeira, Ramos discorre, analisando os cultos religiosos, sobre a origem dos negros introduzidos no Brasil; na segunda, ele realiza o que chama de “exegese psicanalítica”, *grosso modo*, a interpretação de fatos religiosos e/ou folclóricos à luz do instrumental teórico da psicanálise.

3 | O INTERCÂMBIO DE IDEIAS ENTRE RAMOS E MELVILLE HERSKOVITS

Foi a circulação de *O negro brasileiro* que deu início, em 1935, a um intenso diálogo com Melville J. Herskovits, internacionalmente conhecido por suas pesquisas sobre o continente africano e sobre os africanismos no Novo Mundo. O antropólogo americano tinha, então, 45 anos e estava estabelecido na Northwestern University;

Ramos tinha 31 anos e atuava como professor de Psicologia Social na Universidade do Distrito Federal. Foi Herskovits quem iniciou o diálogo, através de um bilhete solicitando a Ramos um exemplar de *O negro brasileiro*.

Não encontramos o retorno de Arthur Ramos entre a correspondência pesquisada, porém, em 31 de dezembro de 1935, Herskovits escreveu a Ramos agradecendo os livros enviados (*O negro brasileiro*; *Os africanos no Brasil*, de Nina Rodrigues; e *A escravidão no Brasil*, de Evaristo de Moraes). Na mesma carta, Herskovits enviou-lhe alguns de seus artigos e disse que, em breve, seu editor, Alfred A. Knopf, enviar-lhe-ia alguns de seus livros. A animação de Herskovits por *O negro brasileiro* é visível:

Os livros chegaram a mim apenas ontem, obviamente não me foi possível mais que folheá-los, mas, ainda assim, há um número de questões que gostaria de fazer-lhe. A primeira delas diz respeito às peças mostradas nas Figuras 4, 5, 34 e 35. Elas se assemelham tanto às peças que eu mesmo coletei no Daomé e Nigéria que eu gostaria de ter certeza de que é correta a minha impressão sobre sua proveniência brasileira. Se este for o caso, então, seus negros brasileiros mantiveram não apenas a técnica de escultura em madeira, mas os mesmos detalhes do estilo da África Ocidental em um grau não encontrado em nenhum outro lugar (AAR/BN, I-35, 31, 1.429, Illinois, 31/12/1935).

Herskovits também observou que

muitas das canções têm assuntos que as conectam muito com os dados haitianos que eu colhi numa viagem de campo no penúltimo verão. Deste modo, a Zambiapongo sobre a qual você falou na página 81 é o mesmo que Zambi ampaka dos haitianos, que da mesma forma, tem Lemba como uma de suas divindades Petro (AAR/BN, I-35, 31, 1.429, Illinois, 31/12/1935).

Destacou, ainda, o sincretismo descrito.

Um capítulo que eu estou ansioso para ler com particular interesse é o da combinação da Feitiçaria e o Catolicismo, e eu espero fazer bom uso de sua lista de analogias entre santos católicos e divindades da feitiçaria. Particularmente interessante nesse contexto são suas Figuras 19 e 20 que eu poderia quase duplicar com fotografias do Haiti, uma das quais, mostrando um altar vodu com símbolos católicos (...). É esta combinação das religiões africanas e europeias que, para mim foi, de longe, o aspecto mais interessante da religião haitiana (AAR/BN, I-35, 31, 1.429, Illinois, 31/12/1935).

As palavras de Herskovits demonstram o absoluto entusiasmo que sentiu ao descobrir que a Bahia mantinha tradições religiosas semelhantes às do Daomé – de onde vieram parte dos africanos escravizados na América – e do Haiti, ex-colônia francesa que recebeu milhares de escravos. Para Herskovits, estava claro que *O negro brasileiro* contribuía para sua hipótese acerca das sobrevivências africanas na identidade do Novo Mundo.

Em 28 de fevereiro de 1936, Ramos escreveu a Herskovits manifestando satisfação em receber sua carta de 31/12/1935. Continuando, ele dizia:

Sinto imenso não ter conhecido antes os seus valiosos trabalhos para citação nos meus livros. Estou lendo-os com muita atenção e proveito e conto divulgá-los o mais largamente possível para o público brasileiro. Em futuras edições dos meus livros aproveitarei o imenso material documentado e interpretativo existentes nos seus trabalhos (AAR/BN, I-35, 15, 172, Rio de Janeiro, 28/2/1936. Grifos do autor).

Relatou também as dificuldades da produção científica no país.

Nós, os cientistas no Brasil, lutamos com dificuldades de toda a ordem para a realização de qualquer trabalho científico, e é para mim particularmente grato quando recebo qualquer estímulo de autoridades e amigos como o professor Herskovits (AAR/BN, I-35, 15, 172, Rio de Janeiro, 28/2/1936).

Foi o início de uma estreita cooperação intelectual que se estendeu até a morte de Ramos em 1949. Ao todo, o Arquivo Arthur Ramos guarda 72 cartas trocadas pelos pesquisadores, sendo 27 encaminhadas por Ramos e 45 por Herskovits¹.

Em 26 de março de 1936, o americano respondeu à inquietação de Ramos afirmando ter

um sentimento muito forte que os problemas científicos inerentes ao estudo do negro são de tal magnitude que é somente pelo contato e cooperação de todos os que estão trabalhando no campo, que qualquer resultado substancial pode ser construído. (AAR/BN, I-35, 31, 1430, Illinois, 26/3/1936).

A leitura das missivas permite-nos acompanhar os dois intelectuais no período de 1935 a 1949. Pela correspondência, tomamos conhecimento de suas pesquisas, viagens de estudos, livros publicados, etc. Além das atividades realizadas, as cartas revelam sugestões bibliográficas, comunicações em congressos, informações sobre bolsas de estudo, etc.

Desde o início, Herskovits colocou-se no “papel de ensinar, recomendar, sugerir e, principalmente, viabilizar o treinamento profissional do colega doutor” (GUIMARÃES, 2004, p.174). Aos poucos, o brasileiro apropriou-se dos conceitos e metodologias da Antropologia Cultural; conhecimento adquirido, em grande parte, através do diálogo com Herskovits. Em 26 de março de 1936, Herskovits sugeriu a Ramos que, em suas pesquisas acerca da identidade africana no Brasil, os aspectos culturais sejam ultrapassados. Herskovits propunha

dar alguma atenção a outro aspecto além da cultura religiosa do negro brasileiro. Eu percebi que é mais difícil isolar os elementos africanos em tais fases do comportamento do negro no Novo Mundo do que é na vida religiosa. No entanto, eu encontrei tanto no Haiti quanto na Guiana, e meus alunos recentemente descobriram

1 Antônio Sérgio Guimarães, analisando a correspondência entre esses dois intelectuais, dividiu a relação em três fases: “uma primeira correspondência trocada entre 1935 e 1941; uma convivência de dois meses em 1941, na Northwestern University, onde Ramos acompanha o seminário de aculturação de Herskovits; e, uma última, que começa com o trabalho de campo de Herskovits no Brasil, em final de 1941, e vai até a morte de Ramos, em 1949” (GUIMARÃES, 2004, p.169).

nas Ilhas Virgens, Martinica e Jamaica, que há muitos aspectos na vida econômica e social as quais são tão africanas quanto às crenças religiosas (AAR/BN, I-35, 31, 1430, Illinois, 26/3/1936).

Em maio de 1936, Ramos confessou a Herskovits que “suas pesquisas me esclareceram sobre muitos problemas relacionados com a vida dos negros no Novo Mundo e especialmente no Brasil” (AAR/BN, I-35, 15, 173, Rio de Janeiro, 26/5/1936). Nessa troca, conforme revela-nos Antônio Sérgio Guimarães, o antropólogo americano também incorporava conhecimentos.

Para Herskovits, o encontro com Ramos abria-lhe as portas do mundo intelectual brasileiro e do mundo “africano” da Bahia, um dos mais bem “conservados” das Américas. De fato, para Herskovits, Ramos representou certamente um enorme avanço no seu projeto de pesquisa intercontinental sobre a cultura dos povos africanos trazidos para as Américas. Se, em 1930, ao publicar no *American Anthropologist* a sua declaração sobre o “negro no Novo Mundo”, Herskovits via-se forçado a retirar os negros do Brasil de sua escala de “africanismos no comportamento cultural” “porque [tinha] poucos dados sobre os quais se basear”, em 1955, em sua *Cultural Anthropology*, já podia colocar o Brasil na terceira posição de sua escala, logo abaixo do Suriname e do Haiti (GUIMARÃES, 2004, p.172).

A análise da correspondência trocada entre os dois intelectuais revela Herskovits interessado em obter informações sobre os negros do Brasil e Ramos interessado em se aprofundar no estudo da Antropologia Cultural. Em fevereiro de 1937, Ramos agradeceu o recebimento do livro *Suriname Folk-lore*, de Melville Herskovits e Francis Herskovits, sua esposa.

Não tenho palavras para lhe exprimir toda a minha admiração, em ler uma obra tão bem documentada, tão rica em ensinamentos, tão completa, sobre o folclore dos negros da Guiana Francesa. Pretendo dar notícia do livro aos estudiosos brasileiros, e isto é a maneira de manifestar o interesse que ele me desperta (AAR/BN, I-35, 15, 176, Rio de Janeiro, 24/2/1937).

A influência da produção norte-americana nos estudos de Ramos é explícita e pode ser observada com frequência em suas cartas. Em maio de 1937, o alagoano escreveu a Herskovits comunicando estar em estágio avançado com a escrita de *As culturas negras do Novo Mundo*, “onde lanço uma cisão do conjunto sobre os trabalhos realizados pelos pesquisadores dos Estados Unidos, Cuba, Haiti, etc.” (AAR/BN, I-35, 15, 177, Rio de Janeiro, 11/6/1937).

No mesmo período, Herskovits comunicou a Arthur Ramos que um aluno seu fará um período de estudos entre os lorubás da Nigéria.

Tendo em vista o fato de que muito da cultura do negro brasileiro mostra sobrevivências dos costumes iorubás, gostaria de saber se há pontos levantados por você em sua pesquisa que possam ser esclarecidos por ele durante sua investigação de campo na própria África (...). Se você quiser me mandar uma lista de informações sobre a África que seriam de especial valor para você e para outros

estudantes dos costumes negros brasileiros, eu ficaria feliz de entregá-la ao meu aluno, Sr. William Bascom. (ARR/BN, I-35, 31, 1437, Illinois, 8/5/1937)

No dia 17 de agosto, Ramos enviou as seguintes questões para Herskovits:

Efetivamente, sendo as sobrevivências culturais do negro brasileiro de origem predominantemente iorubá (nagô) é do mais alto interesse o estudo das culturas originárias na África. Não sei mesmo se seria possível selecionar pontos para estudo, porque todas as formas culturais iorubás interessam aos nossos estudos. Poderia [ilegível] contudo pontos relacionados com a língua, religião, folclore, cultura material, etc. e especialmente o seguinte:

1) Qual a percentagem dos povos da Nigéria que fala o iorubá? 2) Tem-se o iorubá conservado puro ou tem sofrido deformações por contatos culturais (com outras línguas vizinhas?) 3) Qual a extensão da literatura escrita (em Lagos, por exemplo) – a existência de livros de leitura em língua nagô? 4) Até que ponto as culturas religiosas se conservaram puras até hoje? 5) Os mitos iorubás conservaram-se na tradição oral até os nossos dias? 6) Será possível avaliar se houve contaminação secundária na religião e folclore com os refluxos comerciais de Lagos com o Brasil? 7) Os contos populares do ciclo da tartaruga (awon) têm origem totêmica? 8) Conservam os negros da Nigéria a memória do tráfico de escravos para o Brasil? 9) Na hipótese afirmativa, houve alguma sobrevivência deste fato na tradição oral? 10) Desejaria ter informação da coletânea de contos, provérbios e adivinhas, existentes atualmente entre os negros da Nigéria. (ARR/BN, I-35, 15, 178, Rio de Janeiro, 17/8/1937. Grifos do autor).

Herskovits retornou em novembro do mesmo ano, afirmando que tais questionamentos já haviam sido, em boa medida, estudados pelas pesquisas antropológicas realizadas nas universidades americanas. Conforme nos ensina Stocking, a Antropologia já se encontrava bem estabelecida nos Estados Unidos em 1935, enquanto, no Brasil, ainda não havia um único Departamento de Antropologia nas recém-criadas universidades.

O próprio Herskovits respondeu aos questionamentos elaborados por Arthur Ramos.

Eu posso responder muitas de suas perguntas a partir de minha experiência de campo na Nigéria. O iorubá (nagô) é falado pelo grande número de povos que habita a porção sudoeste da atual colônia britânica da Nigéria. Qual é o número exato dos falantes de iorubá, eu não sei, mas não seria difícil obtê-lo nos relatórios censitários. Naturalmente, todas as línguas e todos os povos estão em contato com seus vizinhos, duvido, portanto, que o iorubá possa ser mais ou menos “puro” que qualquer outra língua. Certamente, ela não foi afetada pelo contato com os europeus de um modo perceptível. O que está escrito em nagô o foi sob influência europeia, e por iorubanos “educados”. A religião continua praticamente isenta de influência europeia, ainda que, é claro, vários indivíduos nativos tenham sido convertidos ao cristianismo. A mitologia iorubá está tão viva como sempre esteve; você pode encontrar numerosos contos populares na coleção Frobenius no volume X (eu acho) da sua obra completa. (...). Duvido que o contato com o Brasil tenha afetado a cultura iorubana, mas os iorubás certamente conhecem o tráfico de escravos feito pelos portugueses, no entanto não sei o quanto eles conhecem do Brasil. Se os contos da tartaruga são ou não, originariamente, totêmicos, também não posso lhe dizer, mas acho que problemas desse tipo são praticamente impossíveis de serem solucionados. (AAR/BN, I-35, 31, 1439, Illinois, 14/11/1937).

Arthur Ramos compreendeu, naquele instante, a necessidade de se aprofundar no campo da Antropologia. Para tanto, manifestou o desejo de realizar uma viagem de estudos aos Estados Unidos. Em maio de 1938, escreveu a Herskovits:

Sinto a necessidade inadiável de me pôr em contato direto com universitários americanos, e especialmente, com a Universidade de Northwestern e a de Chicago, no sentido de unificar os esforços metodológicos para os estudos de raça e de cultura no Novo Mundo (AAR/BN, I-35, 15, 180, Rio de Janeiro, 30/05/1938).

Em 20 de junho de 1938, Herskovits expressou a satisfação que teria em recebê-lo na Northwestern e mencionou a possibilidade de obter financiamento via a Fundação Guggenheim.

Pouco mais de um ano depois, Arthur Ramos foi convidado pelo Dr. Lynn Smith, chefe do Departamento de Sociologia da Universidade da Louisiana, para lecionar um curso sobre raças e relações das raças e culturas, que aconteceria no período de 9 de setembro de 1940 a 25 de janeiro de 1941.

Às vésperas da viagem, o alagoano escreveu a Herskovits manifestando o interesse de permanecer nos Estados Unidos e realizar estudos na Universidade de Northwestern. Sobre isso, dizia Ramos:

o meu curso sobre Raças e Culturas no Brasil na Universidade da Louisiana durará de 9 de setembro a 31 de Janeiro. Pretendo seguir logo depois imediatamente para o norte e visitar Chicago e Evanston, com o fim especial de conhecer a universidade de Chicago e a Northwestern University onde terei o prazer de conhecê-lo pessoalmente. Antecipadamente lhe agradeço quaisquer arranjos ou facilidades para uma estadia de três meses de estudos em sua Universidade. Obtive da Guggenheim Foundation apenas 25% da quantia destinada aos fellowships para estudiosos do Brasil, em vista do estipêndio que vou receber da Louisiana State University (AAR/BN, I-35, 15, 185, Rio de Janeiro, 1/8/1940).

Em 8 de setembro de 1940, Herskovits saudou a chegada de Ramos aos Estados Unidos. Em seguida, convidou-o para dirigir um seminário sobre raças e povos do Brasil na University of Northwestern.

Ramos já havia começado seu curso na Louisiana. Suas primeiras impressões foram descritas em carta dirigida a Herskovits apenas um mês após sua chegada. Nela, declarou estar apreciando a estadia e que pretendia estudar os negros da região.

Não só os estudantes como (os) professores estão muito interessados por tudo quanto tenho dito sobre os problemas de raças e de culturas no Brasil. Tenho aproveitado as horas vagas para estudar e observar a vida do negro nas plantações da Louisiana e em outros atos da sua vida social, do ponto de vista antropológico e sociológico, e será excelente trocarmos depois nossas impressões (AAR/BN, I-35, 15, 186, Louisiana, 17/9/1940)².

2 Conforme salienta Olívia Maria da Cunha, “Ramos preferiu manter o silêncio, ainda que seus

Além das aulas na Louisiana State University, Arthur Ramos, durante sua estadia nos Estados Unidos, proferiu conferências nas universidades de Stanford, Yale, Howard, California, Berkeley, Utah etc. Além disso, a Northwestern University (Illinois) nomeou-o *Honorary Research Associate in Anthropology*. Antônio Sérgio Guimarães lembra-nos que

além do Leste, Arthur Ramos aproveitou a sua estadia nos Estados Unidos, para outros contatos profissionais importantes no Meio-Oeste. O primeiro desses contatos foi com Stuart Chapin, do Departamento de Sociologia da University of Minnesota, feito com a intermediação primeira de Lynn Smith (GUIMARÃES, 2004, p.185).

Em Chicago, Arthur Ramos participou do congresso da American Association of Physical Anthropologists, realizado entre os dias 7 e 8 de abril de 1941. De Chicago, seguiu para Nova Iorque.

Em carta de 11 de abril de 1941, Herskovits traçara um roteiro para o alagoano a partir de Nova Iorque. Vejamos o percurso sugerido:

Depois de instalado em seu hotel, sugiro que vá à Universidade Columbia, Departamento de Antropologia, e se apresente a Linton. Lá você saberá quando o Dr. Boas estará presente e a melhor maneira de encontrá-lo.

Ruth Benedict, Klineberg e Herzog deverão estar no mesmo prédio e qualquer um deles poderá lhe pôr em contato com o Dr. Elsie Clews Parsons, Herald Courlander, Du Bois, Kerdiner e Margaret Mead.

No Museu Americano de História Natural, você poderá procurar Dr. Wissler, lá também estão vários excelentes arqueólogos, particularmente N. C. Nelson e George Valliant, e a assistente de Wissler, senhorita Bella Weitzner, a quem você deveria procurar se Wissler não estiver, será igualmente muito útil.

No Social Science Research Council, 230 Park Avenue, em Nova Iorque, você encontrará Donald Young e Moseley, ambos os quais você encontrou aqui. O escritório da Fundação Guggenheim, tal como o da S.S.R.C., é muito próximo do seu hotel, e lá você poderá procurar o Sr. Moe. (AAR/BN, I-35,31, 1454, Illinois, 11/4/1941).

Continuando a carta, Herskovits expandiu o roteiro para outras cidades as quais Ramos planejava visitar:

Na Filadélfia, você encontrará o University Museum, importante pelos seus materiais africanos e pela significativa efetivação de antropólogos. Na Universidade da Pennsylvania, você encontrará A. I. Hallowell, cujo trabalho de campo das relações entre personalidade e cultura é excelente; Frank Speck, o especialista em Índia, e Hans Wierschhoff, o especialista em África. No museu propriamente, você deveria contactar J. Alden, especialista em arqueologia da América Central.

Em Washington, obviamente você será cuidado pelo povo da Universidade

interlocutores lhe pedissem comentários e até pesquisas sobre a 'situação dos negros no Sul'. Ramos, ao contrário, referiu-se vagamente a aspectos ligados ao 'folclore negro na Louisiana' para abordar o 'problema das raças' no Brasil. Ramos passou alguns meses de sua estada nos EUA numa típica cidade do Sul sob o Jim Crow, entretanto não mencionou a existência de linchamentos, *high schools e colleges* segregados. Nem assinalou a permanente tensão racial em Chicago, a timidez dos campi liberais e supostamente dessegregados nas cidades do Norte" (CUNHA, 1999, p.89).

Howard, como você disse; no Departamento de Estado, Pattee, e na Biblioteca do Congresso, Hanke se encarregarão de fazer com que você encontre todo mundo. Será muito bem recebido, estou certo, se você procurar Dr. Waldo G. Leland no American Council of Learned Societies. Tanto Hanke, quanto Pattee fariam isso com prazer. Quando você se encontrar com Thompon, chefe da Divisão de Cooperação Intelectual do Departamento de Estado, poderia perguntar a ele que trem tomará para Chicago para assistir à conferência em Evanston do S.S.R.C. Estou certo de que você achará que valerá a pena se, por acaso, vocês dois viessem no mesmo trem.

Acho também que você verá Concha Romero James em Washington (AAR/BN, I-35,31, 1454, Illinois, 11/04/1941).

O período de permanência de Arthur Ramos nos Estados Unidos resultou na sua participação em diversos eventos acadêmicos e inúmeros contatos estabelecidos. Porém, a intervenção mais importante aconteceu na Universidade de Northwestern, em Evanston, onde permaneceu em convívio diário com Herskovits. Conforme carta escrita pelo antropólogo americano, em 7 de fevereiro de 1941, o primeiro evento de Arthur Ramos na Northwestern University seria uma palestra intitulada *The race problem in Brasil* ministrada em 19 de abril daquele ano. A palestra abriria um evento, organizado pelos alunos, dedicado às relações inter-raciais. Durante sua estada na University of Northwestern, também ministrou um seminário sobre raças e povos do Brasil e participou de um seminário dirigido por Herskovits sobre aculturação.

O período que passou nos Estados Unidos transformou Arthur Ramos em um cientista social conhecedor das teorias antropológicas discutidas nas universidades americanas. Essa experiência também possibilitou que compartilhasse, com aquelas instituições, aspectos referentes à identidade africana no Brasil. De acordo com Guimarães,

Arthur Ramos chegou aos Estados Unidos como um especialista, um africanista brasileiro. A sua estadia em Evanston, no seminário sobre aculturação, dirigido por Herskovits, teve, na prática a função de introduzi-lo nas técnicas da moderna Antropologia Cultural, enquanto o curso ministrado na Louisiana e as suas conferências e palestras no exterior serviram aos fins de legitimação e fama (GUIMARÃES, 2004, p.185).

A experiência nos Estados Unidos transformou Ramos no mais importante antropólogo brasileiro dos anos de 1940, porém, a estadia naquele país avivou seu olhar para a desigualdade social baseada na cor da pele presente no cotidiano dos negros tanto na sociedade norte-americana quanto na brasileira. Voltou ao Brasil convencido da necessidade de erguer-se contra as injustiças político-sociais, fazendo uso de seu conhecimento. Naquele momento, tornou-se clara sua opção pela Antropologia Aplicada. Ramos transformou-se em um ativista da luta antirracista e pró-democrática.

A interlocução entre Ramos e Herskovits permanecia. Em setembro de 1941, o antropólogo americano desembarcou no Brasil com o objetivo de realizar estudos antropológicos sobre o negro brasileiro³. Sua viagem iniciara-se pelo Rio de Janeiro,

3 Os estudos realizados por Herskovits no Brasil resultaram em trabalhos relevantes para os

onde residiu por pouco mais de dois meses. Naquele período, desfrutou da companhia de Arthur Ramos e se inteirou do meio universitário e intelectual brasileiro. Seguiu para a Bahia em novembro de 1941, levando as cartas de apresentação escritas por Ramos. Ali permaneceu até maio de 1942, quando embarcou para Recife para quatro semanas de pesquisa. Em junho, retornou ao Rio. Seguiu, em julho, para Porto Alegre, onde realizou pesquisas sobre o batuque e o papel dos cultos aos antepassados nas relações familiares. Retornou aos Estados Unidos em agosto daquele ano.

Àquela época, Arthur Ramos distanciava-se da Antropologia Culturalista de Herskovits para dedicar-se à Antropologia Aplicada. Embora tenha se preocupado em apresentar o antropólogo americano para intelectuais brasileiros, capazes de auxiliá-lo em sua jornada no Brasil, a relação entre os dois não era, então, de grande proximidade. Conforme observa Marcos Chor Maio,

talvez resida justamente aí, a causa do possível “esfriamento” da sua relação com Herskovits, vez que Dr. Ramos já não é mais, de fato, um pesquisador, ou pelo menos, deixa de controlar fontes de informações etnográficas valiosas, como fizera antes da guerra. Enquanto o primeiro recusa a trilha da “antropologia aplicada” (...), o último imiscuir-se-á cada vez mais em assuntos puramente políticos. Sintomático do “esfriamento” de Ramos em relação a Herskovits não é apenas o longo intervalo sem correspondência entre agosto de 1945 e dezembro de 1947, mas o fato de que, em seu esforço para incluir a Antropologia brasileira no mundo democrático do pós-guerra, Arthur Ramos contará, em 1949, com o auxílio de um crítico feroz da posição “culturalista” de Herskovits, Franz Frazier, que o ajudará na definição da política a ser adotada pelo Departamento de Ciências Sociais da UNESCO com respeito ao racismo (MAIO, 1997).

A partir de 1943, as cartas trocadas entre os dois intelectuais ocorreram esporadicamente. Em 1943, Herskovits escreveu a Ramos a fim de comunicá-lo sobre a ideia de criar uma *Inter-American Society of negro studies*. A intenção era reunir, em torno de uma sociedade, estudiosos das Américas no campo dos Estudos do Negro, cujo presidente seria Herskovits. Entre as iniciativas do grupo estava a criação de uma revista chamada Afro-América, que deveria conter artigos em francês, português, espanhol (cujo editorial ficaria sob responsabilidade do professor Fernando Ortiz em Havana). Em 30 de julho de 1943, Ramos respondeu a chamada afirmando estar grato pela lembrança do seu nome e que a sociedade projetada teria sua total cooperação (AAR/BN, I-35,15,193, Carta a Herskovits, Rio de Janeiro, 30/6/1943). Infelizmente, o projeto não prosperou. Em 1944, a discussão entre os dois intelectuais girou em torno da tentativa de editar, em vão, no Brasil a obra *Acculturation*, de Herskovits, publicada em 1938.

Em maio de 1949, Arthur Ramos recebeu o convite para assumir a direção do

Estudos Afro-Brasileiros. Citemos alguns: HERSKOVITS, Melville. *Pesquisas Etnológicas na Bahia*. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde, 1943; HERSKOVITS, Melville. *The negro in Bahia, Brazil: a problem in method*. *American Sociological Review*, 8: 394-402, 1943. HERSKOVITS, Melville. *Drums Drums and drummers in Afro-Brazilian cult life*. In: _____. *The New World Negro. Selected Papers in Afroamerican Studies*. Indiana (United States): Indiana University Press/Minerva Press, [1944]1969, p. 183-197.

Departamento de Ciências Sociais da Unesco. Convite aceito, no início de agosto, Ramos mudou-se para Paris. Herskovits cumprimentou-o pela conquista e desejou-lhe sucesso.

Ramos permaneceu por pouco mais de dois meses no comando do Departamento de Ciências Sociais da Unesco, pois que, surpreendentemente, faleceu na noite de 31 de outubro. No curto espaço de tempo em que esteve no comando do Departamento de Ciências Sociais, Arthur Ramos organizou um fórum para debater o estatuto científico do conceito de raça, publicou o documento *Perspectivas sobre o Departamento de Ciências Sociais*, na revista institucional *Courier-Unesco*, no qual expôs suas primeiras impressões acerca do órgão. No documento, Ramos expunha que “a Antropologia Cultural ainda não encontrou seu lugar no programa do Departamento”. (AAR/BN, I-36,29,12, Transcrição Luitgarde Barros. Ver BARROS, 2000, p. 145-146) e delineou um plano de trabalho que previa o incremento de pesquisas sociológicas e antropológicas desenvolvidas no Brasil com o objetivo principal de desvendar seu modelo de democracia racial como exemplo para o mundo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Luitgarde O. C. **Arthur Ramos e as dinâmicas sociais do seu tempo**. Maceió: EdUFAL, 2000.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Minha adorável lavadeira: uma etnografia mínima em torno do Edifício Tupi. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 119, pp. 59-107, 1999.

FAILLACE, Vera Lúcia Miranda (org). **Arquivo Arthur Ramos: Inventário Analítico**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

GOMES, Angela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In GOMES, Angela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2004.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. Comentários à correspondência entre Melville Herskovits e Arthur Ramos (1935-1941). In: PEIXOTO, Fernanda Arêas; PONTES, Heloisa; SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). **Antropologia, história, experiências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, pp. 169-198.

MAIO, Marcos Chor. Arthur Ramos e a militância na Unesco. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 119, pp. 29-34, 1999.

MARCUSSI, Alexandre A. Implicações atuais do debate entre Herskovits e Frazier sobre os africanismos. In XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo: ANPUH-SP, 2011.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**. 1º vol: Etnografia religiosa. 5 ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2001.

SANSONE, Lívio. Estados Unidos e Brasil no Gantois: o poder e a origem transnacional dos estudos Afro-brasileiros, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.27, n.79, pp. 9-29, Junho, 2012.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-455-9

